

Do Alimento à Cura, da Magia à Tecnologia: Conhecimento etnobotânico e utilização de plantas no município de Maracás, Bahia, Brasil

Bruno Moreira de Souza¹

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

Eraldo Medeiros Costa Neto²

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

RESUMO

O estudo documentou o conhecimento etnobotânico em Maracás, BA, onde a diversidade vegetal e saberes tradicionais enfrentam ameaças. Foram realizadas entrevistas com 60 moradores (urbanos e rurais), observação direta e coleta botânica (2024), analisando espécies, usos e importância cultural. Identificaram-se 172 espécies (60 famílias), sendo 43% cultivadas, 39% nativas e 18% naturalizadas. Leguminosae, Lamiaceae e Asteraceae destacaram-se. *Lippia alba* e *Cymbopogon citratus* apresentaram maior Frequência de Citação (73%); *Citrus × aurantium* obteve maior Valor de Uso (0,93). Usos medicinais (86 espécies) e alimentícios (81) predominaram. Os resultados evidenciam o papel essencial da flora na subsistência, saúde e identidade cultural local, reforçando a urgência de políticas para preservação desses saberes e da biodiversidade.

Palavras-chave: Etnobotânica; conhecimento tradicional; uso sustentável; Caatinga.

From food to medicine, from magic to technology: ethnobotanical knowledge and plant use in Maracás municipality, Bahia, Brazil

ABSTRACT

This study documented ethnobotanical knowledge in Maracás, Bahia, Brazil, where plant diversity and traditional practices face growing threats. Through interviews with 60 residents (urban and rural), direct observation, and botanical collection (2024), the research analyzed plant species, their uses, and cultural significance. A total of 172 species (60 families) were identified, with 43% cultivated, 39% native, and 18% naturalized. The most representative families were Leguminosae, Lamiaceae, and

¹ Mestre em Botânica - Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Doutorando em Botânica pela mesma instituição (UEFS), Feira de Santana, Bahia, Brasil. Endereço para correspondência: Caminho 21, nº 1ª, Conjunto Feira VI, Campo Limpo, Feira de Santana, Bahia, Brasil, CEP: 44034-282. **ORCID:** <https://orcid.org/0009-0006-6313-4454>
Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6625763977411488>. **E-mail:** brumorsou@gmail.com.

² Doutor em Ecologia e Recursos Naturais - Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Professor Pleno na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana, Bahia, Brasil. Endereço para correspondência: Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de Ciências Biológicas, Av. Transnordestina, s/n, Novo Horizonte, Feira de Santana, Bahia, Brasil, CEP: 44036-900. **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0003-0278-1974>.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2521953264550977>. **E-mail:** eraldont@uefs.br.

Asteraceae. *Lippia alba* and *Cymbopogon citratus* showed the highest Citation Frequency (73%), while *Citrus × aurantium* had the highest Use Value (0.93). Medicinal (86 species) and food uses (81) predominated. The findings highlight the critical role of local flora in subsistence, healthcare, and cultural identity, underscoring the urgent need for policies to preserve this traditional knowledge and biodiversity.

Keywords: Ethnobotany; traditional knowledge; sustainable use; Caatinga.

Del alimento a la cura, de la magia a la tecnología: conocimiento etnobotánico y uso de plantas en el municipio de Maracás, Bahía, Brasil

RESUMEN

Este estudio documentó el conocimiento etnobotánico en Maracás, Bahía, Brasil, donde la diversidad vegetal y las prácticas tradicionales enfrentan crecientes amenazas. A través de entrevistas con 60 residentes (urbanos y rurales), observación directa y recolección botánica (2024), se analizaron especies vegetales, sus usos y su importancia cultural. Se identificaron 172 especies (60 familias), con un 43% cultivadas, 39% nativas y 18% naturalizadas. Las familias más representativas fueron Leguminosae, Lamiaceae y Asteraceae. *Lippia alba* y *Cymbopogon citratus* registraron la mayor Frecuencia de Citación (73%), mientras que *Citrus × aurantium* obtuvo el mayor Valor de Uso (0,93). Los usos medicinales (86 especies) y alimenticios (81) predominaron. Los resultados destacan el papel crucial de la flora local en la subsistencia, la salud y la identidad cultural, subrayando la necesidad urgente de políticas para preservar estos saberes tradicionales y la biodiversidad.

Palabras clave: Etnobotánica; conocimiento tradicional; uso sustentable; Caatinga.

INTRODUÇÃO

A história da humanidade está profundamente conectada ao uso ancestral das plantas (LAWS, 2013; CABRAL, 2016), prática fundamentada na acumulação de conhecimentos preservados e transmitidos principalmente por meio da oralidade (NASCIMENTO, 2008). Com o advento da agricultura, há aproximadamente 11 mil anos, o ser humano deixou de ser nômade e passou a cultivar seus próprios alimentos, adotando um estilo de vida sedentário (RAVEN; EICHHORN; EVERT, 2001). Desde então, os vegetais passaram a ser utilizados não apenas como fonte de alimentação, mas também para fins medicinais, em rituais religiosos e celebrações, adquirindo um caráter sagrado para diversas culturas. Além disso, seu uso energético tornou-se essencial, com a lenha e o carvão servindo como principais fontes de energia para atividades cotidianas (FREITAS et al., 2012; MEDEIROS et al., 2012; SPECHT et al., 2015). Outras formas de utilização, como recreação, tecnologia e ornamentação, também se desenvolveram, tornando-se indispensáveis para a manutenção da vida como a conhecemos (HOGAN, 2019).

No entanto, foi nas comunidades tradicionais que se estabeleceu a relação mais íntima entre seres humanos e plantas (RODRIGUES, 2007). O termo "Comunidades Tradicionais" refere-se a grupos populacionais que mantêm uma relação direta e estreita com o ambiente natural, dependendo dos recursos disponíveis para sua reprodução sociocultural. Essas comunidades realizam atividades de baixo impacto ambiental e com pouca integração ao mercado, priorizando a subsistência (DIEGUES, 2004). Exemplos incluem indígenas,

quilombolas, extrativistas, ribeirinhos e pescadores artesanais, entre outros. Esses grupos desenvolveram métodos específicos de manejo dos recursos naturais, focados não no retorno econômico imediato, mas na preservação cultural e social, bem como na manutenção de suas percepções e representações do mundo natural. Essa abordagem evidencia uma relação simbiótica com a natureza e uma profunda dependência de seus ciclos (DIEGUES, 2004; SANTOS, 2007).

O termo "Etnobotânica" surgiu no final do século XIX, cunhado pelo pesquisador J. W. Harshberger (SCHULTES; REIS, 1995; ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2002a). Trata-se de um campo interdisciplinar que estuda o conhecimento, a significação cultural, o manejo e os usos tradicionais dos recursos vegetais. A etnobotânica investiga as interações entre seres humanos e plantas, analisando como diferentes culturas compreendem, utilizam e gerenciam esses recursos dentro de suas práticas tradicionais e cosmovisões (CABALLERO, 1979; CASTRO et al., 2021). Segundo Albuquerque e Lucena (2004), a etnobotânica não possui uma estrutura conceitual rigidamente definida, pois se baseia em conceitos antropológicos, botânicos e ecológicos, adaptando-se às particularidades de cada estudo.

Diversas pesquisas em etnobotânica destacam que as comunidades tradicionais da Caatinga dependem diretamente dos recursos ambientais para sua subsistência (ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2002a, 2002b; ALBUQUERQUE; ANDRADE; SILVA, 2005; ALMEIDA et al., 2005, 2010; LEAL et al., 2005; ARAÚJO; CASTRO; ALBUQUERQUE, 2007; LUCENA et al., 2008, 2012). A extração diária de recursos naturais para múltiplos fins tem contribuído para a intensa antropização desse ecossistema, um dos mais impactados do Brasil (CAPOBIANCO, 2002). Em decorrência disso, o número de estudos etnobotânicos na Caatinga equiparou-se ao da Mata Atlântica, com maior concentração nos estados de Pernambuco e Paraíba (LIPORACCI et al., 2017). No entanto, o estado da Bahia ainda apresenta uma expressividade reduzida nesse campo de pesquisa.

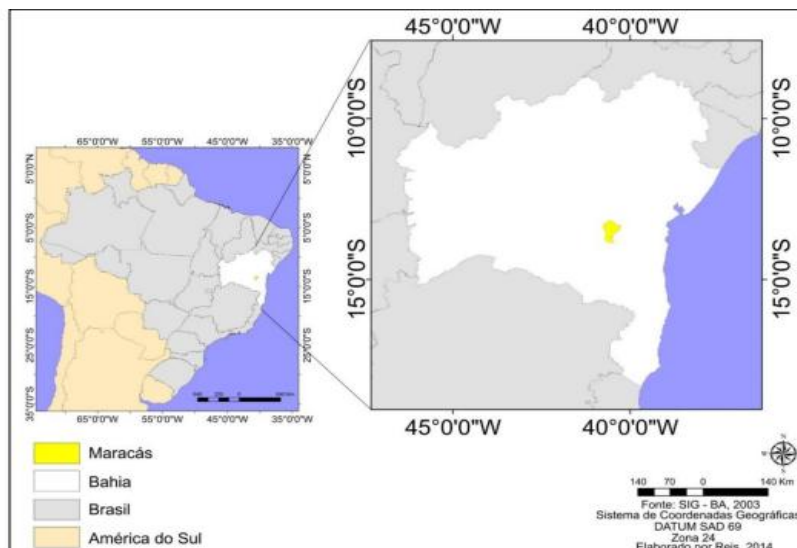
Diante desse contexto, este trabalho tem como objetivo principal inventariar o conhecimento etnobotânico no município de Maracás, localizado na região semiárida da Bahia. O estudo busca compreender as interações e os modos de uso das espécies vegetais pelos moradores, registrando como esse conhecimento foi produzido e como se manifesta tanto na área rural quanto na urbana do município.

METODOLOGIA

Caracterização da área do estudo

O município de Maracás, situado na região geográfica imediata de Jequié e intermediária de Vitória da Conquista, insere-se no território de identidade do Vale do Jiquiriçá (Latitude: 13° 26' 28" S/ Longitude: 40° 25' 51" W; Figura 1). Com uma extensão territorial de 2.413,27 km², limita-se com os municípios de Marcionílio Souza, Planaltino, Lajedo do Tabocal, Lafaiete Coutinho, Jequié, Manoel Vitorino e Iramaia, estando a 365 km da capital baiana, Salvador. A população é estimada em 29.197 habitantes (IBGE, 2024), dos quais cerca de 38% residem na zona rural. Suas terras são banhadas pelos rios de Contas, Jacaré, Palma e

Jequiriçá (CÂMARA MUNICIPAL DE MARACÁS, 2020). A vegetação nativa dominante é a Caatinga, com predominância de arbustos e árvores de pequeno porte, com trechos remanescentes de Mata Atlântica ao redor da sede do município (IBGE, 2024).



Fonte: SIG-BA, 2003 – elaborado por Simony Reis – 2014.

Figura 1: Localização do município de Maracás (SOUZA, 2014).

Emancipada em 1855 e elevada à categoria de cidade em 1910, Maracás passou por diversos desmembramentos até atingir sua configuração atual. Seus principais povoados incluem Ribeira Alta, Pé de Serra, Cachoeirinha, Caldeirão dos Mirandas, Capivaras, Gavião e Porto Alegre, além de diversas comunidades, fazendas e assentamentos rurais, como o Assentamento do Cumbe e o Assentamento Khaetá. A cidade apresenta um mosaico cultural diversificado, fruto de sua formação populacional, que recebeu influências de distintos grupos étnicos e históricos. A presença indígena, a colonização portuguesa — com a consequente chegada de negros escravizados — e a imigração de italianos e alemães, que se estabeleceram na região após a Segunda Guerra Mundial, constituem marcos significativos nesse processo de formação cultural (CÂMARA MUNICIPAL DE MARACÁS, 2020).

Procedimento metodológico

Por tratar-se de uma investigação aprofundada em um contexto específico e delimitado, este estudo caracteriza-se como um estudo de caso, com abordagens exploratória e descritiva. O método exploratório visa proporcionar uma aproximação mais íntima com o problema em questão, tornando-o mais explícito ou possibilitando a construção de hipóteses. Trata-se de um método flexível, que permite a consideração de diversos aspectos relacionados aos fenômenos investigados. Já o método descritivo dedica-se à caracterização detalhada de uma população ou fenômeno específico, bem como ao estabelecimento de relações entre variáveis, utilizando técnicas padronizadas de coleta de dados (GIL, 2009).

A pesquisa foi realizada entre janeiro e novembro de 2024. Os dados foram obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas, seguindo um roteiro predefinido para orientar o diálogo, mas permitindo que os participantes se expressassem livremente, de acordo com suas características pessoais (SORIANO, 2004). Os formulários de entrevista (Apêndice 1) foram elaborados para registrar informações sobre o uso de plantas, incluindo práticas, finalidades e partes vegetais utilizadas. As entrevistas foram conduzidas com moradores do município de Maracás, tanto na sede quanto na área rural, envolvendo apenas indivíduos maiores de 18 anos.

Os bairros selecionados — Caixa D'água, Lagoa Comprida, Jiquiriçá e Morumbi — foram escolhidos aleatoriamente, mantendo-se uma distância entre eles para garantir a diversidade de perfis dos moradores. Esses bairros partem do centro da cidade e se estendem até as extremidades, abrigando tanto antigos quanto novos habitantes. Na área rural, foram selecionados três locais, seguindo o mesmo critério de distanciamento: o Assentamento do Cumbe, o povoado do Gavião e o povoado de Porto Alegre.

O registro das entrevistas foi realizado por meio do gravador de voz do celular, com posterior transcrição para texto, complementada por um diário de campo para anotações relevantes. A câmera do celular foi utilizada para documentar práticas relacionadas ao manejo das plantas. Além disso, empregou-se a técnica da *turnê guiada*, na qual cada informante era convidado a caminhar pelo quintal durante a entrevista, fornecendo informações específicas sobre as plantas presentes (BERNARD, 1988).

Foram coletados dados socioeconômicos e demográficos dos participantes, como idade, sexo, religião, atividade profissional, escolaridade, renda familiar, cor e número de pessoas na família, além de informações sobre o imóvel, como tempo de moradia e uso do quintal.

A amostragem foi não probabilística e aleatória. Após ser atendido por um morador, as duas casas seguintes eram excluídas. Caso não houvesse resposta na casa selecionada, a abordagem ocorria na residência seguinte. Os participantes receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice 2), assinado em todas as vias pelo pesquisador, acompanhado de uma cópia do projeto e de explicações sobre o propósito e o funcionamento da pesquisa. Após a concordância e assinatura do TCLE, o participante estava apto a prosseguir com a entrevista. A coleta de dados seguiu as diretrizes das Resoluções 466/12 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamentam pesquisas envolvendo seres humanos (BRASIL, 2012). O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Feira de Santana (parecer nº 6.547.962) e cadastrado na plataforma do Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional (SISGEN) sob o código AE1ABD7.

As plantas mencionadas foram coletadas para identificação e comparação no herbário da Universidade Estadual de Feira de Santana (HUEFS), e seus nomes científicos e famílias botânicas foram classificados conforme o sistema de taxonomia vegetal APG IV (ANGIOSPERM PHYLOGENY GROUP, 2016).

Análise dos dados

Os resultados foram avaliados de forma quali-quantitativa, utilizando informações da observação direta e das entrevistas, tabuladas e processadas no Microsoft Excel 2010. Foram

realizadas análises estatísticas descritivas para calcular percentuais de participantes em cada categoria socioeconômica e demográfica, além da média e do desvio padrão da idade dos participantes. A classificação socioeconômica baseou-se na renda familiar total, conforme a seguinte categorização: Classe A (mais de 15 salários mínimos), Classe B (5 a 15 salários mínimos), Classe C (3 a 5 salários mínimos), Classe D (1 a 3 salários mínimos) e Classe E (até 1 salário mínimo) (IBGE, 2024).

Calculou-se a Frequência Relativa de Citação (FRC) pela fórmula $FRC = (N_{citações} / N_{participantes}) \times 100$, onde $N_{citações}$ representa o número de vezes que uma planta foi mencionada (independentemente das categorias de uso) e $N_{participantes}$ é o número total de participantes. Essa medida avalia a importância de uma planta com base na proporção de entrevistados que a mencionaram, refletindo seu reconhecimento ou uso na comunidade (ALBUQUERQUE; LUCENA; ALENCAR, 2010).

Também foi calculado o Valor de Uso (VU) pela fórmula $VU = \sum U_i / n$, onde U_i representa os usos informados para uma planta e n é o número total de informantes. Esse índice, proposto por Phillips e Gentry (1993), avalia a importância das espécies ou famílias para a população estudada, considerando a diversidade de usos mencionados (ALBUQUERQUE et al., 2007).

Para comparação dos dados, utilizou-se o teste de normalidade de Shapiro-Wilk e a análise de correlação de Spearman, já que os dados não apresentaram distribuição normal (SPEARMAN, 1904). Adicionalmente, calculou-se a Intensidade de Uso (IU) para cada categoria de uso identificada, utilizando a fórmula $IU = \text{Número de menções para uma categoria de uso específico} / \text{Número total de informantes}$. Todas as análises foram realizadas no software R/RStudio.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Perfil socioeconômico dos moradores do município

Foram entrevistadas 60 pessoas, sendo 30 moradores da área urbana e 30 da área rural do município. A idade dos participantes variou entre 20 e 96 anos, com média de 55 anos (desvio padrão de 15,3). A maioria dos entrevistados é do sexo feminino (41 indivíduos, correspondendo a 68,3% do total), enquanto os demais (19 indivíduos) são do sexo masculino (31,7%) (Figura 2). A desproporção verificada quanto ao número de homens e mulheres se dá provavelmente em função das mulheres serem as que passam mais tempo em casa com os filhos, o que reafirma o papel da mulher como mantenedora da casa e portadora de conhecimentos tradicionais, característico da cultura rural (SILVA; SOUSA; SANTOS, 2016).

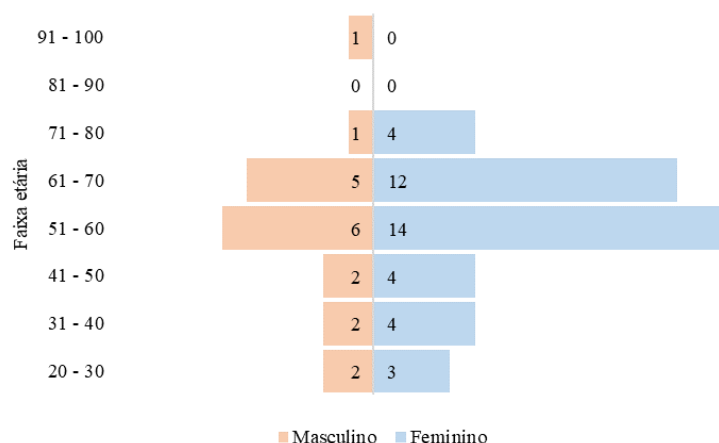


Figura 2. Idade e gênero dos participantes da pesquisa.

Quanto à ocupação profissional, a grande maioria dos entrevistados é aposentada (48,3%). Os demais se distribuem entre as seguintes atividades: lavradores (13,3%), donas de casa (13,3%), agricultores (6,7%), professores (5%), estudantes (3,3%) e diaristas (3,3%). Os 6,8% restantes englobam profissões representadas por apenas um entrevistado cada, como auxiliar administrativo, pedreiro, técnico em enfermagem e comerciante.

No que diz respeito à renda, 3,3% dos entrevistados vivem com meio salário mínimo, 55% com um salário mínimo, 35% com dois salários mínimos, 5% com três salários mínimos e 1,7% com quatro salários mínimos. Em termos de classificação socioeconômica, apenas 1,7% dos participantes pertencem à Classe C, enquanto 40% estão na Classe D e 58,3% na Classe E.

Sobre a escolaridade, 21,7% dos entrevistados são analfabetos, 13,4% concluíram o ensino médio e apenas 10% cursaram o ensino superior, embora alguns não tenham concluído (Figura 3).

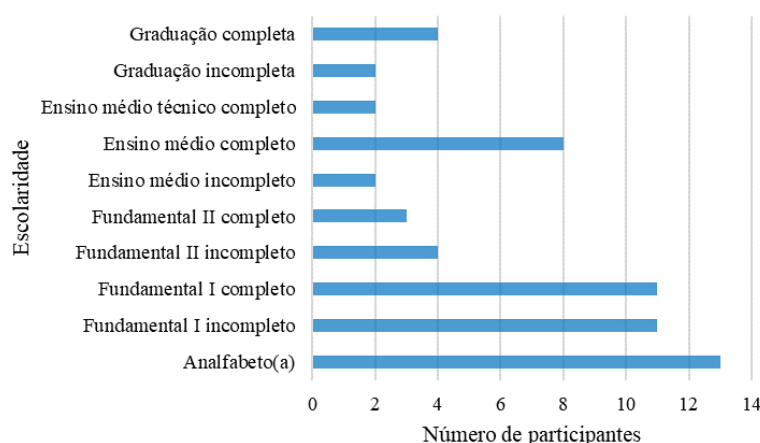


Figura 3. Nível de escolaridade dos participantes da pesquisa.

Estrutura dos quintais e fatores que influenciam no seu uso

Quanto à estrutura dos quintais (Figura 4), observou-se que 18,3% dos entrevistados possuem quintais grandes com plantas, enquanto 15% têm quintais pequenos com poucas plantas. Outros 16,7% contam com quintais grandes e bastante diversificados em termos de vegetação. Por outro lado, 11,7% dos entrevistados possuem quintais cimentados, com poucas ou nenhuma planta, limitando-se, muitas vezes, a espécies cultivadas em vasos. Padrão semelhante ao encontrado por Amorozo (2002) e Lima et al. (2015) em estudos com comunidades urbanas e rurais. Os quintais cimentados (11,7%), com pouca vegetação, seguem a tendência observada por Silva et al. (2011) em áreas urbanizadas.

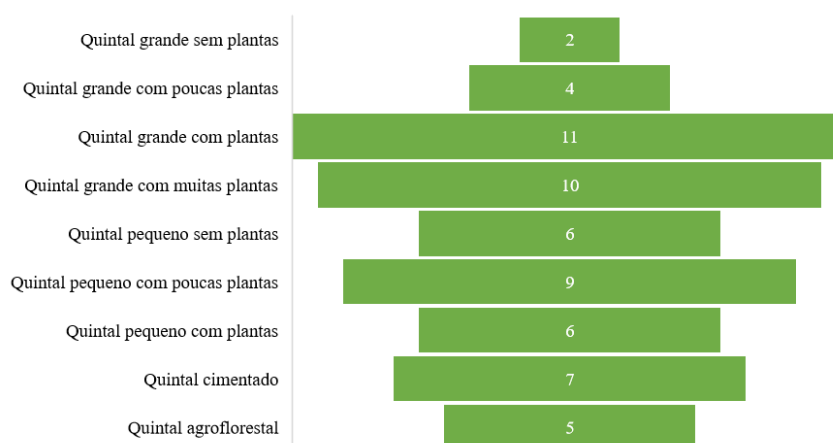


Figura 4. Estrutura dos quintais e presença de plantas nas residências dos entrevistados.

A estrutura física (tamanho) do quintal é um fator limitante para a presença das plantas, principalmente na área urbana do município, como visto nos trabalhos de Lima et al., 2015 e Pereira et al., 2018; e evidenciado nas falas dos entrevistados:

E03: *Eu gosto de planta. Mas meu quintal é pequeno não tenho nada não.*

E12: *Meu quintal é pequeno, aí eu só tenho essas aí de caqueiro.*

E14: *Eu gosto, tenho bem pouquinho porque não tenho quintal. Só uso mesmo, somente assim pra enfeito, essas suculentzinhas. Eu comprei na feira.*

Em propriedades urbanas, apenas os quintais amplos e com solo não impermeabilizado propiciam a manutenção da agrobiodiversidade, enquanto os espaços reduzidos limitam a permanência dessas áreas verdes (GUARIM NETO; CARNIELLO, 2008). Em estudo na Amazônia Oriental, Pereira et al. (2018) verificou que a densidade de espécies em quintais urbanos apresentou correlação positiva significativa ($r=0,82$; $p<0,01$) com a área disponível para cultivo, sendo que quintais abaixo de 50m² mostraram redução média de 58,7% na riqueza florística em comparação com áreas rurais.

O uso do espaço disponível nos quintais também é influenciado pela idade dos moradores. Devido à altitude, o município de Maracás apresenta um clima predominantemente frio e chuvoso ao longo do ano, o que mantém o solo constantemente úmido e escorregadio. Essa condição favorece o desenvolvimento de briófitas, como musgos e limos, tornando os

quintais potencialmente perigosos, especialmente para idosos. Como consequência, muitos quintais são cimentados e recebem pisos antiderrapantes para garantir a segurança dos moradores, como podemos ver na fala do entrevistado **05**: *Eu adoro (plantas), na minha casa eu sempre tive, e muitas, mas como eu não tenho mais quintal, tive que cimentar por causa da minha mãe, eu plantei num balde, mas não foi à frente não, elas morrem*. Além disso, a idade é um fator que influencia diretamente na escolha dos cultivares, como relatado na fala do entrevistado **31**: *Coisa pesada vêi não planta mais*. Isso leva a uma preferência maior pelo cultivo de hortaliças e plantas ornamentais, principalmente as plantas cultivadas em vasos.

Dados semelhantes foram encontrados por Eichemberg; Amorozo e Moura (2009), onde observou-se que a idade avançada dos moradores está associada a uma menor diversidade de espécies cultivadas nos quintais, mesmo em espaços maiores. Isso sugere que a capacidade física e a disposição para manutenção e cultivo de plantas diminuem com a idade, afetando diretamente o uso do espaço disponível. Embora o tamanho do quintal seja um fator importante, a idade do morador influencia significativamente a gestão e a diversidade das plantas cultivadas.

Outro fator limitante para o uso dos quintais é a presença de animais domésticos, como cães e gatos, como podemos perceber na fala dos entrevistados:

E02: *Eu tenho um cachorro no quintal e aonde tem cachorro não dá pra plantar, principalmente horta. Eles cavam tudo e caga.*

E29: *Eu gosto de horta. Não faço por causa dos gatos dos vizinhos.*

O mesmo padrão foi identificado por Melo et al. (2019) em estudo na Paraíba, onde a criação de cães e gatos em quintais urbanos mostrou-se inversamente correlacionada com a diversidade vegetal ($r=-0,53$; $p<0,05$), especialmente para plantas medicinais de pequeno porte. Esse efeito foi particularmente evidente em quintais com área inferior a 100m², onde a presença de mais de dois animais reduzia em 61,7% a ocorrência de espécies aromáticas e medicinais (MELO et al., 2019, p. 147).

Já na área rural do município, os principais fatores limitantes para o cultivo e manutenção dos quintais são a escassez de água e a presença de animais domésticos, como destacado nas falas dos seguintes entrevistados:

E35: *Gosto muito (de plantas), só não tenho tempo e nem tenho água pra plantar o suficiente.*

E38: *Eu plantava muito, mas com essa seca que teve aí eu parei. Morreu um bocado, sem água fica difícil.*

E42: *Não posso plantar mais por causa das galinhas. Não deixa não.*

E48: *Não faço mais horta por causa dos bichos, galinha, sapo, gato, destrói tudo.*

Em algumas residências, a criação de animais domésticos é realizada de forma separada das plantas, geralmente por meio de cercas ou telas. Demonstrando que a presença de animais pode limitar o uso compartilhado do espaço entre plantas e animais, afetando a organização e o aproveitamento do quintal (OLIVEIRA, 2016).

Inter-relações com o reino vegetal e preferências no cultivo

Plantas com potencial retorno econômico, seja para venda ou para o consumo, são preferidas entre a maioria dos entrevistados, sendo para alguns a principal atividade econômica:

E07: *Eu gosto de mexer com a minha hortinha, meu alface, meu almeirão, os quiabos, rúcula. Só pra consumo mesmo.*

E08: *Eu gosto de frutas pra chupar.*

E17: *A gente sobrevive do que planta.*

E45: *Eu gosto de plantar umas coisinhas não por boniteza. Eu gosto de plantar coisa pra comer.*

E49: *Gosto mais ou menos. Eu gosto tipo assim, hortaliças, coisa rápida pra comer, fazer tempero.*

Estudos realizados em comunidades rurais próximas ao Parque Nacional de Sete Cidades (PI) evidenciam que o cultivo de espécies vegetais nos quintais visa tanto à subsistência quanto ao aumento da renda familiar, com boa parte dos excedentes sendo vendidos para complementar os recursos da família (SANTOS et al., 2019). Em pesquisas realizadas em 6 municípios da Paraíba e de Pernambuco, Almeida et al. (2020) aponta que, 78,3% (n=94) dos quintais estudados apresentavam espécies cultivadas prioritariamente para geração de renda complementar, com média de 5,2 ($\pm 2,3$) espécies comerciais por unidade doméstica. Dentre estas, destacaram-se as frutíferas (83,1%), plantas medicinais (67,4%) e hortaliças (59,2%), configurando os quintais como importantes espaços de segurança alimentar e econômica para as famílias (ALMEIDA et al., 2020, p. 112). Como observado também por Sambuichi et al. (2021) em estudo nacional, onde quintais com função econômica direta apresentam 3,8 vezes mais espécies úteis que os meramente ornamentais ($p < 0,001$), com clara preferência por frutíferas e medicinais de alto valor de mercado.

Além disso, há um grande apego para com as plantas, principalmente através da sua agradabilidade e beleza, sendo associadas a coisas boas e ‘divinas’, além de se ter o conhecimento em relação a suas funções ecológicas e ambientais, como podemos perceber na fala de alguns entrevistados:

E02: *Eu gosto, gosto muito de planta. (São importantes pra gente?) São sim, até pra saúde né, eu acho assim, é um meio de uma terapia (cuidar de planta), todo mundo poderia ter um quintalzinho, cuidar das plantas, principalmente quando chega na idade né, porque tem as plantas ali, a pessoa vai envolvendo e o tempo vai passando, as vezes hoje é muita coisa, muita doença que aparece porque as pessoas abandonam a natureza.*

E09: *Eu gosto, eu adoro planta. Planta é coisa de Deus, da natureza.*

E19: *Eu gosto de conversar com as plantas, você conversa com a planta ela desenvolve, você desenvolve também.*

E42: *Gosto de plantas, as plantas é uma felicidade quando você encosta na beira de uma planta né?*

E48: *Eu gosto, é tipo uma terapia né?! e na pandemia a gente ficava sem sair de casa, aí eu danava plantar planta. Mas nesse tempo quente que teve aí atrás minhas plantas morreu quase tudo, ficou tudo feia assim.*

Esses depoimentos ilustram o apego emocional às plantas, manifestado por sua beleza, agradabilidade e associação a sentimentos positivos — traduzidos como algo quase divino ou reconfortante — além da familiaridade com suas funções ambientais e afetivas, como demonstrado por Carvalho et al. (2022, p. 415) em estudo sobre percepção vegetal no Nordeste: '78,6% dos informantes atribuíam valor transcendente às plantas de seus quintais, descrevendo-as como "presentes de Deus" (43,2%) ou "seres que abençoam a casa" (35,4%)'. Essa relação afetiva se manifestava na preservação de espécies mesmo sem utilidade prática imediata, destacando funções estéticas (89,1%) e ecológicas (76,3%) como atributos valorizados. O vínculo afetivo com plantas ornamentais em quintais reflete o que Hunn (2018) denomina 'parentesco botânico', onde relações não utilitárias (beleza, memória, espiritualidade) explicam 61% da variância na conservação de espécies não-comestíveis.

Ainda há aqueles que não gostam de plantas, mesmo reconhecendo sua importância, e aqueles que acreditam que plantas são coisas “de velhos” ou “de mulheres”, principalmente as ornamentais:

E13: *Eu gosto, não tenho nada contra as plantas não, eu só não sou muito chegada não (risos). Mas as plantas são importantes né, é vida.*

E06: *Me vi plantando umas coisas um dia desses né, falei meu Deus devo ter ficado velha.*

E45: *Não gosto de flor não, isso é coisa de mulher, planta de mulher.*

E46: *Isso é coisa de mulher aí (ornamentais).*

Silva Júnior et al. (2023, p. 78) em estudo sobre estereótipos de gênero e geração no cuidado com plantas, identificou que 23,5% dos homens jovens (18-35 anos) associaram plantas ornamentais a atividades femininas, enquanto 18,2% dos entrevistados urbanos as consideraram "coisa de pessoas idosas", revelando padrões culturais que limitam o engajamento masculino e jovem na jardinagem. Esses achados ecoam o estudo de Egerer et al. (2019) na Califórnia, onde homens urbanos mostraram 2,3 vezes menos probabilidade de cultivar plantas ornamentais que mulheres (OR=0,43; IC95%:0,31-0,59), justificando por 'falta de interesse' (54%) e 'associação a feminilidade' (29%).

A flora do município a partir da Etnobotânica

A partir do levantamento etnobotânico foi identificado um total de 172 espécies vegetais, sendo 170 espécies de Angiospermas, distribuídas em 58 famílias, uma espécie de Gimnosperma e uma espécie de Samambaia (Tabela 1). As famílias de Angiospermas mais abundantes foram Leguminosae (20 espécies), Lamiaceae (13 espécies) e Asteraceae (10 espécies) (Figura 5).

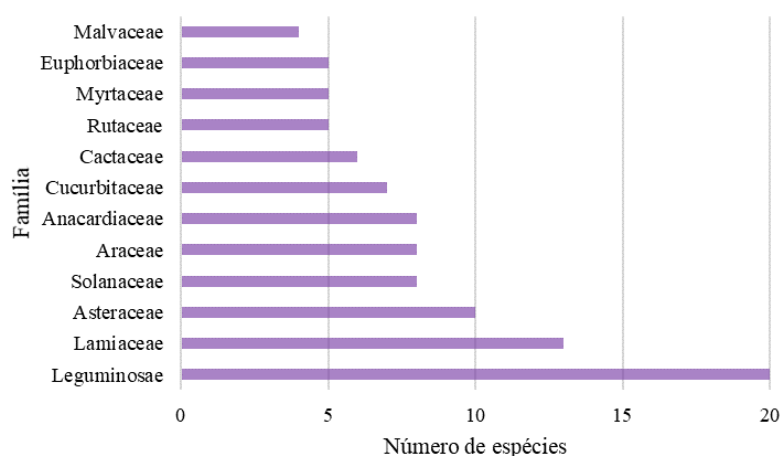


Figura 5. Famílias Botânicas de maior riqueza no município a partir do levantamento etnobotânico.

Outras famílias botânicas apresentaram números menores, porém significativos, como Anacardiaceae, Araceae e Solanaceae (8 espécies cada); Cucurbitaceae (7 espécies); Cactaceae (6 espécies); Euphorbiaceae, Myrtaceae e Rutaceae (5 espécies cada); e Malvaceae (4 espécies). As demais famílias apresentaram números menores e mais restritos, sendo elas: Amaranthaceae, Annonaceae, Apiaceae, Apocynaceae, Arecaceae, Poaceae e Rubiaceae com três espécies cada; Amaryllidaceae, Asparagaceae, Brassicaceae, Caricaceae, Convolvulaceae, Lauraceae, Moraceae, Passifloraceae, Portulacaceae, Rosaceae, Zingiberaceae com duas espécies cada; Acanthaceae, Asphodelaceae, Bignoniaceae, Burseraceae, Capparaceae, Celastraceae, Cyperaceae, Ericaceae, Geraniaceae, Hydrangeaceae, Lythraceae, Malpighiaceae, Melastomataceae, Meliaceae, Moringaceae, Musaceae, Myristicaceae, Nyctaginaceae, Orchidaceae, Oxalidaceae, Petiveriaceae, Phyllanthaceae, Plantaginaceae, Rhamnaceae, Talinaceae, Urticaceae, Verbenaceae e Viburnaceae, todas com apenas uma espécie cada (Tabela 1 - Material suplementar).

As espécies que apresentaram maiores frequências relativas de citação (FRC) foram *Lippia alba* (Mill.) N. E. Br. ex Britton & P. Wilson (Erva-cidreira/ Cidreira/ Melissa) e *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf (Capim-santo/ Cidreira/ Capim-da-lapa/ Capim-cidreira), ambas com FRC = 73% (VU = 0,73); e a que apresentou o maior valor de uso foi *Citrus × aurantium* L. (Laranja), com o VU = 0,93 (FRC = 53%). Isso nos demonstra que nem sempre a espécie mais citada vai ter o maior VU para a comunidade, uma vez que o valor de uso é influenciado por fatores como a disponibilidade da espécie, o conhecimento tradicional e a diversidade de aplicações (REYES-GARCÍA, et al., 2006).

No entanto, através da análise de correlação de Spearman ($r = 0.98$), podemos perceber uma forte correlação positiva entre as duas variáveis (FRC e VU), o que sugere que à medida em que a frequência de citação aumenta, o valor de uso tende a aumentar também (Figura 6).

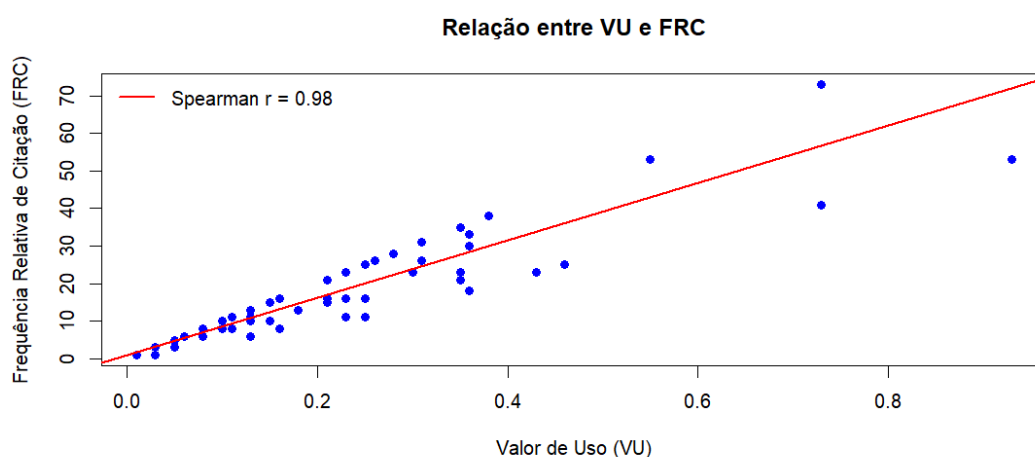


Figura 6. Correlação de Spearman entre a FRC e o VU.

A maioria das plantas utilizadas no município é de origem cultivada (43%), enquanto nativas são 39% e naturalizadas são 18% (Figura 7). Segundo Silva e Andrade (2005), “a preferência por plantas de origem cultivada está associada à sua adaptação ao ambiente local, ao valor nutricional e ao significado cultural que essas espécies carregam”. Além da facilidade de obtenção em substituição da dependência de áreas naturais de coleta (AMOROZO, 2002). Entretanto, esta preferência pode estar atrelada também a degradação ambiental, que reduz a disponibilidade de espécies em áreas naturais, e a fatores externos, como globalização e introdução de espécies exóticas, que muitas vezes substituem o uso de espécies nativas (MONTEIRO et al., 2006; LUCENA; ARAÚJO; ALBUQUERQUE, 2007).

Albuquerque; Andrade; Caballero (2005) sinalizam que é comum registrar a utilização de espécies nativas em regiões tropicais úmidas e áridas, contudo, afirma que há um predomínio muito grande de espécies exóticas nessas áreas.

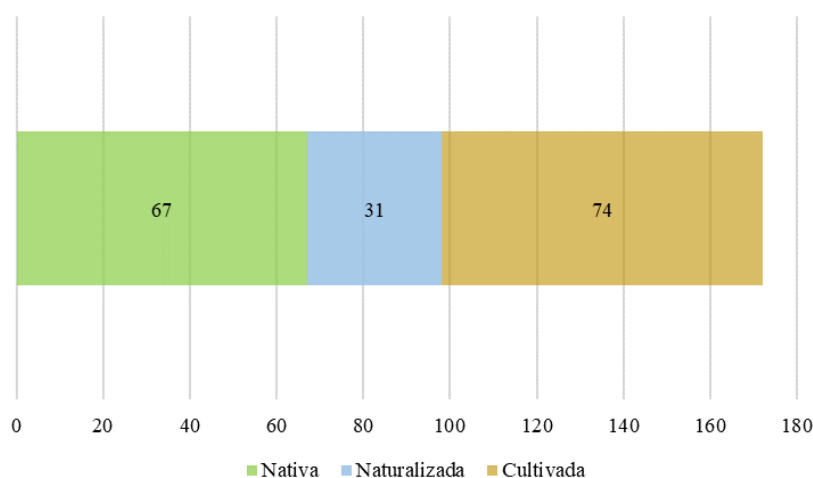


Figura 7. Origem das plantas utilizadas no município de Maracás.

Principais usos

Quanto às formas de usos dessas plantas, as principais categorias identificadas no levantamento foram: Medicinal (Tabela 2 - Material suplementar), Alimentício (Tabela 3 - Material suplementar), Ornamental (Tabela 4 - Material suplementar), Mágico-Ritualístico (Tabela 5 - Material suplementar) e Tecnologia (Tabela 6 - Material suplementar). A maioria das espécies é empregada para fins medicinais (86) e alimentícios (81) (Figura 8).

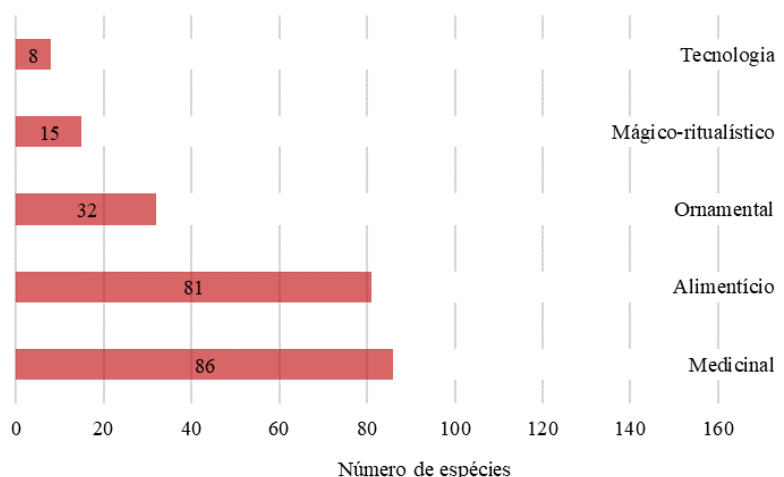


Figura 8. Principais categorias de usos das plantas no município.

As espécies que apresentaram a maior intensidade de uso (IU) para a categoria medicinal foram *Cymbopogon citratus* e *Lippia alba* (Mill.), ambas com a IU = 0,73. Na categoria alimentício, *Citrus × aurantium* L. (Laranja) apresenta a maior intensidade de uso (IU) = 0,53%. Na categoria ornamental, a maior IU foi de *Dracaena trifasciata* (Prain) Mabb. (Espada-de-Santa Bárbara/ Espada-de-São-Jorge), IU = 0,13. Essa espécie também apresentou a maior IU para a categoria mágico-ritualístico: IU = 0,13. E na categoria tecnologia, a maior IU ficou para as espécies *Syagrus coronata* (Mart.) Becc. (Licuri/ Coco-licuri), *Aloe vera* (L.) Burm. f. (Babosa) e *Luffa aegyptiaca* Mill. (Bucha), todas com o IU = 0,06.

A preferência pelo cultivo de plantas medicinais está profundamente enraizada no conhecimento tradicional, nas necessidades e busca por autonomia no cuidado com a saúde a partir da eficácia percebida das plantas (ALBUQUERQUE; HANAZAKI, 2006). As comunidades tendem a priorizar espécies que são culturalmente significativas e que atendem às necessidades de saúde imediatas (HEINRICH et al., 1998). Além de fatores como facilidade de propagação, viabilidade econômica de cultivo, disponibilidade do recurso, redução de custos com medicamentos convencionais, dentre outros; o que reflete não apenas necessidades terapêuticas, mas também aspectos culturais, econômicos e ecológicos (PIERONI; QUAVE, 2005; REYES-GARCÍA et al., 2006). Os quintais funcionam como verdadeiros reservatórios de plantas medicinais, onde a variedade de espécies cultivadas reflete a profundidade do conhecimento etnobotânico presente na comunidade (HANAZAKI et al., 2000). Este resultado

também pode ter sido influenciado pela idade dos participantes (média 55 anos). Segundo Phillips e Gentry (1993), pessoas idosas conhecem um maior número de plantas medicinais.

O uso de plantas medicinais no município envolve uma variedade de preparações, desde chás, infusões e lambedores a uso tópico como lavagem, compressa, macerado ou até mesmo *in natura*, a partir da utilização de variadas partes dos vegetais (raiz, folha, flor, etc.), o que reflete um profundo conhecimento etnobotânico. Essas práticas são utilizadas para a prevenção, tratamento e recuperação de diversas enfermidades, demonstrando a importância das plantas medicinais nos sistemas de saúde locais. O conhecimento tradicional sobre o uso dessas plantas é transmitido oralmente e por meio de práticas cotidianas, garantindo a continuidade de saberes ancestrais e a preservação da biodiversidade (ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2002).

As plantas alimentícias por sua vez, além do interesse nutricional, pela obtenção de produtos naturais e diversificados, apresentam um viés econômico, onde o cultivo e/ou o uso de espécies nativas garantem fonte de renda e subsistência, principalmente no município de Maracás, onde as principais atividades econômicas são a agropecuária e a agricultura. As plantas que são utilizadas na alimentação normalmente são provenientes do entorno local, seja no próprio quintal, em pequenas extensões de terra (terrenos) ou em roças familiares e a produção acontece pelos próprios membros da família, assim como visto por Valadão; Amorozo; Motta (2006). Sendo também coletadas diretamente do ambiente, a exemplos de espécies silvestres como o umbu (*Spondias tuberosa* Arr. Cam.) e o licuri (*S. coronata*).

O autoconsumo não só assegura o acesso aos alimentos, mas também garante a qualidade dos produtos consumidos pela família, que conhecem sua origem, o que contribui para uma alimentação saudável e para a segurança alimentar (LEITE; BERGAMASCO, 2005). No que tange ao comércio, as plantas cultivadas ou coletadas são vendidas na Feira livre do município. De acordo com Pasa (2004), a produção no campo possibilita à população reduzir a dependência de produtos externos, preservando, dessa forma, a riqueza cultural e os recursos vegetais, baseados no conhecimento e na cultura local dos moradores.

As plantas ornamentais são requisitadas por proporcionar o embelezamento do ambiente, seja com suas folhas, flores e/ou a planta inteira, uma preocupação dos moradores do município quanto ao aspecto estético dos quintais e residências, além de proporcionar uma aproximação com o reino vegetal. Relacionado a essa ideia está o conceito de conforto ambiental, que proporciona bem-estar físico e satisfação psicológica (SANTOS; TEIXEIRA, 2001). Assim como visto em outros estudos (EICHEMBERG, 2009; SILVA; OLIVEIRA; ABREU, 2017), espécies da família Araceae são as mais frequente como ornamental nos quintais e residências.

Quanto às plantas mágico-ritualísticas, considerou-se as plantas que são utilizadas no tratamento de problemas espirituais, como amuletos de sorte, capacidade de afastar mau-olhado, para ocasionar bons presságios e proteção, para limpeza energética, dentre outros significados (SILVA; ANDRADE, 2005). *Jatropha gossypifolia* L. (pião-roxo) é amplamente utilizada no município para tal finalidade. Lorenzini e Matos (2008), Oliveira (2008) e Silva; Oliveira; Abreu (2017) relatam o uso dessa espécie em várias regiões do Nordeste com a mesma finalidade. As espécies mágico-ritualísticas em sua grande maioria também apresentam caráter ornamental e geralmente estão presentes em frente ou na entrada das residências.

Diversos grupos humanos, a exemplo dos povos indígenas, quilombolas e agricultores, utilizam-se dessas plantas para seus rituais místicos e religiosos desde a antiguidade, para banhos, rezas e cerimônias, onde muitas espécies adquiriram prestígio e caráter sagrado (ALBUQUERQUE; CHIAPETTA, 1994; SHARMA; PEGU, 2011).

Na categoria Tecnologia foram agrupadas as espécies que apresentaram usos variados (diferentes das categorias anteriores), como plantas utilizadas como inseticida (*Commiphora leptophloeos* (Mart.) J.B.Gillett - umburana-vaqueira/ imburana-fêmea), construções rurais ou utensílios (*S. coronata* – licuri e *Syagrus vagans* (Bondar) A. D. Hawkes - licurioba), uso estético (*Aloe vera* - babosa), etc.

De modo geral, as “plantas úteis” do município podem ser agrupadas em três categorias principais, conforme a percepção dos moradores, suas formas de manejo e de interação com essas espécies: **plantas de uso econômico**, que oferecem algum retorno ao indivíduo (financeiro ou para o suprimento de necessidades) ou à comunidade, como as plantas alimentícias e medicinais; **plantas de uso social**, representadas por espécies muitas vezes exóticas e desconhecidas, mas que agregam valor estético, como as ornamentais; e **plantas de uso cultural**, associadas a conhecimentos do senso comum, como as mágico-ritualísticas.

Essa categorização evidencia como as plantas são percebidas e valorizadas de maneiras distintas, dependendo do contexto cultural, econômico e social. Além disso, ressalta a importância de considerar não apenas o valor utilitário das plantas, mas também seu papel na construção de significados, na estética e na manutenção das tradições locais. Isso permite compreender a complexidade das relações entre as comunidades humanas e o mundo vegetal, indo além de uma visão puramente econômica ou ecológica. Como destacado por Albuquerque; Andrade; Silva (2005), “as plantas são utilizadas pelas comunidades não apenas para suprir necessidades materiais, mas também para manter práticas culturais e fortalecer vínculos sociais”. Da mesma forma, Toledo; Alarcón-Chaires (2012) reforçam que “as plantas são mais do que meros recursos naturais; elas são depositárias de saberes, símbolos e práticas que tecem a trama da vida comunitária”. Essas perspectivas enfatizam a necessidade de uma abordagem holística no estudo das plantas, reconhecendo seu valor multidimensional e seu papel central na vida das comunidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo permitiu compreender a complexidade e a riqueza do conhecimento etnobotânico no município de Maracás, Bahia, evidenciando a profunda interação entre os moradores e o reino vegetal. Através da investigação das práticas de uso e manejo de plantas, foi possível identificar uma diversidade de espécies vegetais que desempenham papéis fundamentais na vida cotidiana da população, seja para fins alimentícios, medicinais, ornamentais, mágico-ritualísticos ou tecnológicos. Essas práticas refletem não apenas a dependência dos recursos naturais para a subsistência, mas também a manutenção de saberes tradicionais que são transmitidos de geração em geração.

A predominância de plantas cultivadas, como observado no estudo, sugere uma adaptação às condições ambientais locais e uma preferência por espécies que oferecem retorno

econômico e nutricional. No entanto, a presença significativa de espécies nativas e naturalizadas também ressalta a importância da biodiversidade local e a necessidade de conservação desses recursos, especialmente em um contexto de degradação ambiental e mudanças climáticas. O uso de plantas medicinais, em particular, demonstra a autonomia das comunidades no cuidado com a saúde, baseada em um conhecimento tradicional que combina eficácia percebida e práticas culturais. As plantas alimentícias, por sua vez, além de garantir a segurança alimentar, desempenham um papel econômico relevante, especialmente em uma região onde a agricultura e a agropecuária são as principais atividades econômicas. Já as plantas ornamentais e mágico-ritualísticas refletem a dimensão estética e simbólica da relação entre os moradores e o ambiente vegetal, evidenciando que as plantas não são apenas recursos utilitários, mas também elementos que conferem identidade cultural e bem-estar psicológico.

A categorização das plantas em usos econômicos, sociais e culturais permitiu uma análise mais abrangente das interações entre os moradores e as espécies vegetais, destacando a multidimensionalidade dessas relações. Essa abordagem holística é essencial para compreender como as plantas são percebidas e valorizadas em diferentes contextos, indo além de uma visão puramente utilitária ou ecológica. Por fim, este estudo reforça a importância de políticas públicas e ações de conservação que considerem não apenas a preservação da biodiversidade, mas também o fortalecimento dos saberes tradicionais e a valorização das práticas locais. A integração do conhecimento etnobotânico com estratégias de desenvolvimento sustentável pode contribuir para a melhoria da qualidade de vida das comunidades, ao mesmo tempo em que promove a conservação dos ecossistemas locais.

Assim, conclui-se que as plantas desempenham um papel central na vida dos moradores de Maracás, transcendendo sua função biológica para se tornarem elementos fundamentais na construção de significados culturais, na manutenção da saúde e na garantia da subsistência. A continuidade desses saberes tradicionais, aliada a uma gestão sustentável dos recursos naturais, é essencial para o futuro das comunidades e para a preservação da biodiversidade da Caatinga.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e ao Programa de Pós-Graduação em Botânica (PPGBOT) pelo apoio. E à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) pela bolsa concedida (BOL0416/2023).

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L. H. C. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no Estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, 16(3): 273-285, 2002a.

ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L.H.C. Uso de recursos vegetais da Caatinga: o caso do agreste do estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil). **Interciencia**, v. 27, p. 336-345, 2002b.

ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L. H. C.; CABALLERO, J. Structure and Floristics of Homegardens in Northeastern Brazil. **Journal of Arid Environments**, v.62, n. 3, p.491-506. 2005.

ALBUQUERQUE, U. P.; CHIAPPETA, A. A. O uso de plantas e a concepção de doença e cura nos cultos afro-brasileiros. **Ciência & Trópico**, v.22, p.197-209, 1994.

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P. (Org.). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. NUPEEA/Livro Rápido, 2004.

ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L. H. C.; SILVA, A. C. O. Use of plant resources in a seasonal dry forest (Northeastern Brazil). **Acta Botanica Brasilica**, v. 19, n. 1, p. 27-38, 2005.

ALBUQUERQUE, U. P.; HANAZAKI, N. As pesquisas etnodirigidas na descoberta de novos fármacos de interesse médico e farmacêutico: fragilidades e perspectivas. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, 16(Supl. 1), 678-689. 2006.

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P. Can apparency affect the use of plants by local people in tropical forests? **Interciencia**, v. 30, p. 506-511, 2005.

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; ALENCAR, N. L. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica** (2ª ed.). Recife: NUPEEA. 2010.

ALBUQUERQUE, U. P.; MEDEIROS, P. M.; ALMEIDA, A. L. S; MONTEIRO, J. M.; LINS NETO, E. M. F.; MELO, J. G.; SANTOS, J. P. Medicinal plants of the caatinga (semi-arid) vegetation of NE Brazil: A quantitative approach. **J. Ethnopharmacol.** 114: 325-354, 2007.

ALMEIDA, C. F. C. B. R. et al. Espécies vegetais com potencial econômico em quintais produtivos do semiárido brasileiro. **Revista Economia & Sociologia Rural**, v. 58, n. 1, p. 103-120, 2020.

ALMEIDA, C. F. C. B. R.; LIMA, T. C.; SILVA, E. L. C.; AMORIM, M. B.; MAIA, S.; ALBUQUERQUE, U. P. Life strategy and chemical composition as predictors of the selection of medicinal plants from the Caatinga (Northeast Brazil). **Journal of arid environments**, p. 127-142, 2005.

ALMEIDA, C. F. C. B. R.; RAMOS, M. A.; AMORIM, E. L. C.; ALBUQUERQUE, U. P. A comparison of knowledge about medicinal plantas for three rural communitieis in the semi arid region of northeast of Brazil. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 127, p. 674-684, 2010.

AMOROZO, M. C. M. Uso e diversidade de plantas medicinais e alimentícias em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 16, n. 2, p. 189-203. 2002.

ANGIOSPERM PHYLOGENY GROUP. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG IV. **Botanical Journal of the Linnean Society**, v. 181, n. 1, p. 1-20, 2016.

ARAÚJO, E. L., CASTRO, C. C.; ALBUQUERQUE, U. P. Dynamics of Brazilian Caatinga: A Review Concerning the Plants, Environment and People. **Functional Ecosystems and Communities**, n. 1, p. 15-29. 2007.

BERNARD, H. R. 1988. **Research methods in cultural anthropology**. Newbury Park, CA: Sage Publ. 520 p.

BRASIL. **Câmara Municipal de Maracás**. Dados Municipais – Município de Maracás (BA). Portal eletrônico. Disponível em: <https://www.camaramaracas.ba.gov.br/site/dadosmunicipais>. Acesso em: 10 de out. 2024.

BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. População estimada dos municípios com data de referência em 1º de julho de 2024. Portal eletrônico Cidades. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/maracas.html>. Acesso em: 10 de out. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde, CNS/COPEP. **Normas para pesquisa envolvendo seres humanos: Resolução no 466, de 12 de dezembro de 2012**. Brasília, DF, 2012.

CABALLERO, J. 1979. La Etnobotânica. In: BARRERA, A. (Ed.). **La Etnobotânica: tres puntos de vista y una perspectiva**. Xalapa, INIREB. pp. 27-30.

CABRAL, L. M. **Plantas e civilização – fascinantes histórias da Etnobotânica**. Rio de Janeiro, Edições de Janeiro, 2016.

CARVALHO, A. M. A. et al. Saberes e afetos: a dimensão simbólica das plantas em quintais nordestinos. **Revista Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia**, v. 22, n. 3, p. 402-423, 2022.

CASTRO, M. A.; BONILLA, O. H.; PANTOJA, L. D. M.; MENDES, R. M. S.; EDSON-CHAVES, B.; LUCENA, E. M. P. Conhecimento etnobotânico dos alunos de Ensino Médio sobre plantas medicinais em Maranguape-Ceará. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 3, e8910313008, 2021.

CAPOBIANCO, J. P. R. “Artigo sobre os biomas brasileiros”. CAMARGO, A., CAPOBIANCO, J. P. R. e OLIVEIRA, J. A. P. (Orgs). Meio Ambiente Brasil: Avanços e obstáculos pós RIO 92. Fundação Getúlio Vargas. São Paulo. 2002.

DIEGUES, A. C. S. **O mito moderno da natureza intocada**. 4ª ed. São Paulo: HUCITEC: NUPAUB: USP, 2004, p.169.

EGERER, M. et al. "Men don't garden": Gender stereotypes in urban agriculture. **Urban Forestry & Urban Greening**, v. 40, p. 237-244, 2019.

EICHEMBERG, M. T.; AMOROZO, M. C. M.; MOURA, L. C. Species composition and plant use in old urban homegardens in Rio Claro, Southeast of Brazil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 23, n.4, p.1057-1075. 2009.

FREITAS, D. et al. **Uma abordagem interdisciplinar da Botânica no Ensino Médio**. São Paulo, Moderna, 2012.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GUARIM NETO, G.; CARNIELLO, M. A. Quintais mato-grossenses: espaços de conservação e reprodução de saberes. **Cáceres**: Ed. Unemat, 2008.

HANAZAKI, N.; TAMASHIRO, J. Y.; LEITÃO-FILHO, H. F.; BEGOSSI, A. Diversity of plant uses in two Caiçara communities from the Atlantic Forest coast, Brazil. **Biodiversity and Conservation**, v. 9, p. 597-615. 2000.

HEINRICH, M.; ANKLI, A.; FREI, B.; WEIMANN, C.; STICHER, O. Medicinal plants in Mexico: Healers' consensus and cultural importance. **Social Science & Medicine**, 47(11), 1859-1871. 1998.

HOGAN, T. The green world. **The Ecological Citizen**, v. 3, n. Supl A, p. 13- 21, 2019.

HUNN, E. S. The Botany of Desire in Traditional Homegardens. **Journal of Ethnobiology**, v. 38, n. 4, p. 532-551, 2018.

LAWS, B. **50 plantas que mudaram o rumo da história**. Rio de Janeiro, Sextante, 2013.

LEAL, I. R.; SILVA, J. M. C.; TABARELLI, M. & LACHER JR., T. E. Mudando o Curso da Conservação da Biodiversidade na Caatinga do Nordeste do Brasil. **Megadiversidade**, v. 1, n. 1, p. 139-146, Jul 2005.

LEITE, J. P. A.; BERGAMASCO, S. M. P. P. Avaliação do Autoconsumo de Alimentos no Assentamento de Sumaré II e Estudo Comparativo entre Assentamentos Rurais. In **Anais do Congresso Interno de Iniciação Científica da Unicamp**. São Paulo, SP, Brasil. 2002.

LIMA, J. R. et al. Quintais urbanos: espaços de conservação de diversidade vegetal no semiárido brasileiro. **Revista Brasileira de Geografia Física**, v. 8, n. 6, p. 1696-1710, 2015.

LIPORACCI, H. S. N.; HANAZAKI, N.; RITTER, M. R.; ARAÚJO, E. L. Where are the Brazilian ethnobotanical studies in the Atlantic Forest and Caatinga? **Rodriguesia**, v. 68, n. 4, p. 1225-1240, 2017.

LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. M. **Plantas Medicinais no Brasil: nativas e exóticas**. 2.ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum.544p. 2008.

LUCENA, R. F. P.; ARAÚJO, E. L.; ALBUQUERQUE, U. P. Does the local availability of woody Caatinga plants (Northeastern Brazil) explain their use value? **Economic Botany**, v. 61, n. 4, p. 347-361. 2007.

LUCENA, R.F.P.; MEDEIROS, P.M.; ARAÚJO, E.L.; ALVES, A.G.C.; ALBUQUERQUE, U.P. The ecological apparency hypothesis and the importance os useful plants: An assessment based on value-use. **Journal of Environmental Management**, v. 96, p. 106-115, 2012.

LUCENA, R. F. P., NASCIMENTO, V. T., ARAÚJO, E. L., ALBUQUERQUE, U. P. Local uses of native plants in an area of Caatinga vegetation (Pernambuco, NE Brazil). **Ethnobotany Research & Applications**, v. 6, p. 03-13, 2008.

MEDEIROS, P. M. et al. Socio-economic predictors of domestic wood use in an Atlantic forest area (north-east Brazil): A tool for directing conservation efforts. **International Journal of Sustainable Development and World Ecology**, v. 19, n. 2, p. 189–195, 2012.

MELO, J. G. et al. Dinâmicas de uso e conservação em quintais urbanos no semiárido: a influência de animais domésticos. **Revista Brasileira de Gestão Urbana**, v. 11, n. 2, p. 141-158, 2019.

MONTEIRO, J. M. et al. **Uso e diversidade de plantas medicinais em uma comunidade rural no semiárido brasileiro**. Revista Brasileira de Plantas Medicinais, v. 8, n. 3, p. 78-88, 2006.

NASCIMENTO, A.P.B. **Sobrepeso e obesidade: dieta, uso de recursos e adaptabilidade em populações humanas rural e urbana de Piracicaba, SP**. 81p. Tese de DOUTORADO - Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz- ESALQ/USP, 2008.

OLIVEIRA, F. C. S. **Conhecimento botânico tradicional em comunidades rurais do semiárido piauiense**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Piauí, Teresina.134p. 2008.

OLIVEIRA, R. F. et al. Uso de quintais em comunidades rurais: práticas culturais e ambientais. **Revista Espacios**, v. 37, n. 5, p. 14, 2016.

PASA, M. C. **Análise Etnobotânica e Manejo de Plantas Medicinais em Comunidades Rurais**. Cuiabá: Editora UFMT, 2004.

PEREIRA, B. L. S. et al. Limitações espaciais e diversidade vegetal em quintais urbanos na Amazônia Oriental. **Acta Amazônica**, v. 48, n. 2, p. 132-140, 2018.

PHILLIPS, O. M.; GENTRY, A. H. The Useful Plants of Tambopata, Peru: I. Statistical Data on the Useful Plants of the Ese'Eja. **Economic Botany**, 47(1), 1-24. 1993.

PIERONI, A.; QUAVE, C. L. Traditional pharmacopoeias and medicines among Albanians and Italians in southern Italy: A comparison. **Journal of Ethnopharmacology**, 101(1-3), 258-270. 2005.

RAVEN, P. H.; EICHHORN, S. E.; EVERT, R. F. **Biologia vegetal**. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 6a edição, 2001.

REYES-GARCÍA, V.; HUANCA, T.; VADEZ, V.; LEONARD, W.; WILKIE, D. Cultural, practical, and economic value of wild plants: A quantitative study in the Bolivian Amazon. **Economic Botany**, 60(1), 62-74. 2006.

RODRIGUES, J. S. C. Estudo Etnobotânico das plantas aromáticas e medicinais. In: FIGUEIREDO A. C.; BARROSO, J. G.; PEDRO, L. G. **Potencialidades e Aplicações das Plantas Aromáticas e Medicinais**. Curso Teórico-Prático, pp. 168-174, 3a Ed., Edição da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa - Centro de Biotecnologia Vegetal, Lisboa, Portugal, 2007.

SAMBUICHI, R. H. R. et al. Quintais domésticos como estratégia de segurança alimentar e renda no Brasil. **Agricultura Familiar**, v. 12, n. 2, p. 45-67, 2021.

SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Critical Review of Social Sciences**, n. 78, p. 3-46, 2007.

SANTOS, E. G. DOS; SANTOS, S. S.; GONÇALVES, V. N.; SOUZA, B. I.; LUCENA, R. F. P. "Utilização de recursos vegetais em áreas de quintais em uma comunidade rural localizada no entorno do Parque Nacional de Sete Cidades, Piauí, Nordeste do Brasil". **Revista Brasileira de Gestão Ambiental e Sustentabilidade**, v. 6, n. 13, p. 365–383, 31 ago. 2019.

SANTOS, N. R. Z. DOS; TEIXEIRA, I. F. **Arborização de vias públicas: Ambiente x Vegetação**. Instituto Souza Cruz, Porto Alegre: Ed. Pallotti, 1 ed., 2001, p. 135.

SHARMA, U. K.; PEGU, S. Ethnobotany of religious and supernatural beliefs of the Mising tribes of Assam with special reference to the 'DoburUie'. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v.7, n.1, p.16, 2011.

SILVA, A. J. R.; ANDRADE, L. H. C. Etnobotânica nordestina: estudo comparativo da relação entre comunidades e vegetação na Zona da Mata e no Agreste de Pernambuco. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v. 15, n. 1, p. 6-13. 2005.

SILVA, C. M.; SOUSA, R. F.; SANTOS, A. D. S. Estudo etnobotânico em comunidades rurais: a importância da mulher como detentora do saber tradicional. **Revista Espacios**, v. 37, n. 3, p. 20, 2016.

SILVA JÚNIOR, J. R. et al. "Não é pra mim": estereótipos etários e de gênero no cultivo doméstico de plantas no Brasil contemporâneo. **Revista de Antropologia Social**, v. 30, n. 1, p. 65-89, 2023.

SILVA, N. C. B. et al. Quintais urbanos versus rurais: perdas e transformações no uso de plantas medicinais. **Sitientibus série Ciências Biológicas**, v. 11, n. 2, p. 137-145, 2011.

SILVA, P. H.; OLIVEIRA, Y. R.; ABREU, M. C. Uma abordagem etnobotânica acerca das plantas úteis cultivadas em quintais em uma comunidade rural do semiárido piauiense, Nordeste do Brasil. **Journal of Environmental Analysis and Progress**. V.02 N.02 p.144-159. 2017.

SORIANO, R. R. **Manual de pesquisa social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

SOUZA, F. G. **A cidade de Maracás - Ba, a partir da implantação do projeto de mineração de Vanádio**. Universidade Federal da Bahia - Salvador, 2014.

SPEARMAN, C. "The Proof and Measurement of Association between Two Things." American Journal of Psychology, 15(1), p. 72–101, 1904.

SPECHT, M. J.; PINTO, S. R. R.; ALBUQUEQUE, U. P.; TABARELLI, M.; MELO, F. P. L. Burning biodiversity: Fuelwood harvesting causes forest degradation in human-dominated tropical landscapes. **Glob. Ecol. Conserv.** 3, p. 200–209, 2015.

TOLEDO, V. M.; ALARCÓN-CHAIRES, P. La etnoecología hoy: panorama, avances, desafíos. **Etnoecológica**, v. 9, n. 1, p. 1-19, 2012.

VALADÃO, L. M.; AMOROZO, M. C. M.; MOTTA, D. G. Produção de Alimentos na unidade domiciliar, dieta e estado nutricional: a contribuição dos quintais em um assentamento rural no estado de São Paulo. In U. P. Albuquerque, & C. F. B. Almeida (Orgs.). **Tópicos em Conservação e Etnobotânica de Plantas Alimentícias**. (p. 92-115). Recife, PE: Nuppea. 2006.

HISTÓRICO

Submetido: 01 de Agosto de 2025.

Aprovado: 30 de Agosto de 2025.

Publicado: 08 de Setembro de 2025.

COMO CITAR O ARTIGO - ABNT

SOUZA, B. M. de; COSTA NETO, E. M. Do Alimento à Cura, da Magia à Tecnologia: conhecimento etnobotânico e utilização de plantas no município de Maracás, Bahia, Brasil. **FLOVET - Flora, Vegetação e Etnobotânica**, Cuiabá (MT), v. 3, n. 14, e2025024, 2025.